

INDISCIPLINA NA ESCOLA: ALGUMAS INQUIETAÇÕES

Maria Estela Lima Silveira Framil¹, Gislene Coelho Lemos Alves, Patrícia Cristiane Ribeiro de Sá, Maria Auxiliadora Araújo Silva, Florença de Moura Braga Daniel
Orientadoras: MSc. Vera Lúcia Catoto Dias², MSc. Maria Valdelis Nunes Pereira

¹ Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP/Faculdade de Educação e Artes, FEA

Rua: Tertuliano Delphin Jr. 181, Campus Aquários, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP

² Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, IP&D –

Núcleo de Pesquisa Formação de Educadores, NUPEFE, Avenida: Shishima Hifumi, 2911

Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP

Estela_framil@hotmail.com, vcatot@univap.br, valdelis@univap.br

Resumo: Este trabalho de pesquisa teve como objetivo investigar a presença de episódios de indisciplina presentes no cotidiano da sala de aula, com alunos do ensino fundamental. Fundamenta-se em De La Taille (1996), Aquino (1996), Souza (2006), Sayão (2005), dentre outros. A metodologia centrou-se em abordagem qualitativa em educação do tipo estudo de caso etnográfico, pela observação participante, André (2001). A indisciplina tornou-se tema recorrente quando se abordou o processo ensino-aprendizagem, que segundo (AQUINO, 1996), torna-se relevante, pois, parte da interação professor e aluno. O corpo docente precisa estar atento de que os alunos estão num exercício de diferenciação e buscando autonomia e deve agir de forma a explicitar a situação, evitando a revolta ou a apatia, o que é muito importante e mostra maturidade, uma vez que a figura do professor é referência no processo educacional, que é permeado por situações de ordem comportamental.

Palavras-chave: Indisciplina, escola, professor – aluno.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas/Educação

Introdução

A indisciplina é apontada como um dos principais obstáculos enfrentados no exercício da profissão de educador. Certos princípios ficam questionáveis, gerando incertezas sobre a interação que deve ser construída no ambiente escolar. Os professores se sentem perdidos em definir o que deve ou não ser permitido.

Todos os envolvidos na educação das crianças encontram justificativas para tentar encontrar respostas para os conflitos que estão acontecendo no espaço escolar, o total desrespeito na relação crianças e professores. Os professores culpam os pais, dizendo que eles deixam na mão da escola a responsabilidade de passar valores e limites, antes responsabilidade dos mesmos. Os pais não tendo tempo para acompanhar a vida de seus filhos, sentem a necessidade de recompensá-los de alguma maneira e adotam na maioria das vezes a postura de proteger o filho de tudo o que possa desagradar, magoar ou frustrar. Isso resulta em intervenções absolutamente inadequadas no ambiente escolar, gerando falta de limites por parte dos alunos. Os pais não permitem que o filho seja aluno. *“É na escola que os alunos podem*

aprender a ver e a respeitar seus pares, ou seja, os outros”. (SAYÃO, 2005).

Os pais por sua vez dizem que a escola é autoritária, que o professor tem a idéia preconcebida de que para ensinar é preciso antes, disciplinar o aluno. Que as crianças não podem ser podadas, que têm o direito de se expressarem. (SAYÃO, 2005).

É importante lembrar que para disciplinar uma criança, existe várias maneiras e esse disciplinar não pode estar associado a práticas de dominação por relações autoritárias. Regras de convivência são necessárias, para estabelecer o que é ou não permitido, na sala de aula. No entanto, é necessária a participação de todos na construção das mesmas.

Porém, muitas vezes o único referencial que os professores têm é o da sua época de estudante, em que o professor era a autoridade máxima em sala de aula, não era permitido ao aluno se manifestar sem a autorização do mesmo. Ou seja, para este, professor, o trabalho pedagógico pressupõe uma relação assimétrica de poder, na qual aquele que ensina (docente) exerce uma autoridade sobre aquele que aprende (aluno), nesse contexto, o professor tem uma relação hierárquica com o aluno, indispensável ao bom

andamento do processo ensino-aprendizagem. (DE LA TAILLE, 1996).

É importante considerarmos que faz parte do desenvolvimento do aluno ir contra o professor, a escola, desafiá-los. A instituição escola e professores é que precisam estar atentos de que os alunos estão num exercício de diferenciação, buscando autonomia, e agir de forma a explicitar a situação, evitando a revolta ou a apatia o que é muito importante e mostra maturidade. Agindo os professores de outra forma pode provocar revolta e apatia tanto nas crianças, como neles próprios, não deixando o trabalho avançar. Pois, os professores que destinam a ensinar somente conteúdos, não conseguem lidar com situações comportamentais que extrapolam o processo ensino e aprendizagem. (AQUINO, 1996).

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em três (03) escolas de Ensino Fundamental, uma (01) municipal, uma (01) estadual e uma (01) particular de rede de ensino, localizadas na região do Vale do Paraíba. Foram selecionadas três (03) salas de aula, uma com quarenta (40), outra com trinta e cinco (35) e uma com doze (12) alunos, freqüentes do primeiro ao terceiro ano, do Ciclo I. Nas salas de aula identificadas foram aplicados roteiros estruturados de observação participante, durante o primeiro semestre de 2007 e identificados episódios de indisciplina ocorridos na interação professor e aluno.

Resultados e discussão

Sayão (FOLHA de São Paulo, 2005) afirma que de acordo com relatos de professores, crianças chegam à escola sem nenhuma civilidade, sem educação e sem saber respeitar a autoridade, o que inviabiliza a convivência respeitosa com professores e colegas e leva ao quadro da indisciplina generalizada que testemunhamos. Indo de encontro às afirmações acima, observou-se que **L. 07 anos, 1º ano**, escola estadual, desafia a professora o tempo todo, faz o que quer, pega o material do colega sem pedir, rabisca as carteiras e joga lixo no chão.

O mesmo acontece com **J. 07 anos, 1º ano**, escola particular, joga lixo no chão, levanta da carteira quando quer, fala alto e pega material do colega sem pedir. Esse mesmo quadro é visto na escola municipal, em que **V. 09 anos, 3º ano**, extrapola os limites da boa convivência e até palavrão fala em sala de aula. **A. 09 anos**, sempre chega à escola agitado, na fila para entrar para a sala de aula a professora começa por se estressar com o comportamento indevido do aluno, tornando o mesmo o centro das atenções. Na sala de aula se nega a fazer as atividades propostas, sofrendo

críticas e ameaças por parte da professora o tempo todo.

Porém, de acordo com as observações, o tempo que a professora tem com os alunos, em todos os casos citados acima, destina a ensiná-los conteúdos específicos das disciplinas. Diante das situações de indisciplina, as professoras mandavam que as crianças parassem, as repreendiam com rigor, mas não discutiam sobre as atitudes ou sobre o que falavam.

Como as atitudes não são discutidas, as crianças crescem entendendo que é possível se comportar de determinada forma, mesmo porque convivem com comportamentos semelhantes. A criança olha somente para si e não tem idéia ainda de que seus atos podem atingir o outro. São inconseqüentes porque ainda não refletem sobre a responsabilidade de seus atos, palavras, condutas. Não conseguem ainda se colocar no lugar do outro. Por isso é que os professores precisam fazer essa interação das crianças e isso exige implicação e compromisso. Percebe-se que, as medidas adotadas tem sido mais um paliativo para acalmar os ânimos no momento em que ocorrem os conflitos de indisciplina, conflitos esses que tem ocorrido quase que diariamente, sendo um dos mais graves obstáculos pedagógicos ao trabalho educativo com alunos de todas as idades (SOUZA, 2006).

Muitas são as situações dentro de uma escola que geram indisciplinas, além da tão comentada “falta de limites”. Outra situação, que está se tornando cada vez mais freqüente, é a da criança que enfrenta dificuldades de aprendizagem em sala de aula. A criança ao se sentir abandonada pelo professor, necessita alertá-lo que não dá conta da situação sozinha, muitas vezes a arma que encontra é a indisciplina.

Segundo Souza (2006), o professor com uma sala numerosa de alunos, não sabe o que fazer e necessita de apoio da escola para estabelecer metas de trabalho e reforço para esta criança, já que o número de alunos é difícil de reduzir. Não tendo apoio por parte da escola, muitas vezes o professor se torna apático, indiferente a essa criança. Vemos com freqüência crianças como **P. 07 anos**, escola estadual, não consegue realizar as atividades, procura pela atenção da professora várias vezes, como é ignorado, se dispersa, brigando com os colegas, pegando material sem permissão. **C. 09 anos**, escola municipal, espera que a professora venha-lhe ajudar na realização das tarefas, como isso não acontece, levanta do lugar, joga giz nos colegas, pega material sem permissão, fala alto. O mesmo não ocorre na escola particular, pois com poucas crianças em sala de aula, se torna mais fácil o atendimento individual.

Outra forma de indisciplina muito freqüente no cotidiano escolar é a falta de estímulo por parte

de muitos professores, que não sabem lidar com a criança que está acima da média em termos de conhecimento. A criança se sentindo desestimulada, perde o interesse pelas atividades que se tornam fáceis demais, diante da falta de interesse a maioria procura fazer barulho como pode para chamar a atenção dos professores. Caso como esse é freqüente no ambiente escolar, como **T. 07 anos, 1º ano**, escola estadual, enfrenta a professora o tempo todo, termina com rapidez as atividades por ter um nível de conhecimento acima dos colegas, extrapola nas brincadeiras, prejudicando o processo de ensino aprendizagem dos demais, porém, suas notas são excelentes. **G. 09 anos, 3º ano**, escola municipal, demonstra desinteresse pelos conteúdos, realiza as atividades rapidamente, porém, às vezes se nega a realizá-las, enfrentando a professora, abaixando a calça dos colegas, pegando material sem permissão, rabiscando parede e carteira. O mesmo acontece na escola particular observada, em que **A. 07 anos, 1º ano**, aluno desinteressado, nível de conhecimento acima dos iguais, fica sem estímulo e conseqüentemente gera indisciplina. Levanta, fala alto, não presta atenção às aulas, tendo, no entanto, ótimas notas. Essas crianças não recebem estímulos por parte das professoras, que optam pelo nivelamento dos alunos. Com o tempo essas crianças vão perdendo o interesse pela escola. O professor não pode desprezar o conhecimento que a criança traz com ela, não pode transformar a aula em algo previsível, maçante para a mesma, a conseqüência é o que vemos acima, desinteresse gerando indisciplina.

Na escola o que as crianças pedem é a presença firme e competente dos professores. Em casa, precisam dos pais exercendo sua função, não delegando à escola as suas obrigações. (SAYÃO, 2005).

Conclusão

Pelos resultados obtidos, pôde-se concluir que, o correto é o que os educadores desejam, ou seja, disciplina consciente, tendo como base respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, interação, participação, formando o caráter e desenvolvendo a cidadania. No entanto, a escola não está conseguindo dar conta dessa atribuição como queria e isso está causando um mal estar nos professores, que estão se sentindo impotentes diante da obrigação de preparar a criança para a vida. Concorda-se com Di Santo (2006), ao orientar a respeito da indisciplina, quando sinaliza que, há que se olhar para os casos de insucesso para se aprender com eles. Precisa-se repensar o papel da escola e o papel do professor, ao invés de criar mil fórmulas que não dão certo, investimentos onerosos do ponto de vista econômico e que pedagogicamente geram um sentimento de impotência a identidade de professor.

Referências

- AQUINO, Júlio R. Groppa, GUIRADO, Marlene, DE LA TAILLE, Yves. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus, 1996.
- DI SANTO, Joana Maria Rodrigues. **Disciplina na escola: Tarefa e Construção desafiadoras**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.Centrorefeducacional.com.br/monojoa na 2.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2006.
- FOLHA de São Paulo. **Jogo de empurra-empurra**. Folha de São Paulo. São Paulo. 12 maio 2005. Caderno Folha Equilíbrio, p. 12.
- SAYÃO, Rosely. As tarefas e o papel dos pais. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 11 ago. 2005. Caderno Folha Equilíbrio, p. 12.
- SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores: um estudo sobre o cotidiano escolar**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/27/gt20/t201...>>. Acesso em: 17 nov. 2006.